



<http://dx.doi.org/10.30681/real.v11i2.2248>

## O JORNAL E A “IMPRESA NEGRA” COMO RECURSO PEDAGÓGICO PARA A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA E HISTÓRICA DA DIVERSIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

Andréa Larisse Castro MOURA<sup>1</sup>  
Sheila Lopes Maués AUTIELLO<sup>2</sup>

**Resumo:** A escola representa muitas vezes a única oportunidade do jovem leitor estar em contato com os textos e, por conseguinte, com os debates sociais mais relevantes. É imperioso propiciar experiências de leitura que contribuam para sua formação intelectual garantindo de forma correlata o desenvolvimento da consciência política e histórica da diversidade, o fortalecimento das identidades e a noção de direito. O presente artigo tem por objetivo discutir a utilização do jornal em ambiente escolar, como atividade permanente, sobretudo no nível fundamental de ensino, como ferramenta pedagógica para a formação de leitores e para a educação das relações étnico-raciais, com vistas a adensar as ações de combate ao racismo e à discriminação, em conjunto com o projeto político pedagógico, como estabelece a lei 10.639/03. Para alcançar tal objetivo, propõe-se o estudo de jornais atuais em comparação aos jornais daquela que ficou conhecida como “Imprensa Negra”, que consistem em jornais publicados em São Paulo, no período pós-abolicionista, no final do século XIX, dentre eles *A Liberdade* (1919-1920), *O Clarim d’Alvorada* (1929-1940), *Chibata* (1932), *Alvorada* (1948). Destarte, a utilização do jornal na escola poderá contribuir para transformar a experiência de leitura em uma experiência de (re)conhecimento histórico-identitário e de (re)significação das representações sociais brasileiras.

**Palavras-chave:** Jornal; Leitura; Gêneros textuais; Relações étnico-raciais; Educação.

**Abstract:** The school is often the only opportunity for the young reader to be in touch with the texts and, therefore, with the most relevant social debates. It is imperative to provide reading experiences that contribute to their intellectual formation by ensuring the development of a political and historical awareness of diversity, the strengthening of identities and the concept of law. The purpose of this article is to discuss the use of the newspaper in a school environment, as a permanent activity, especially at the fundamental level of education, as a pedagogical tool for the formation of readers and for the education of ethnic-racial relations, with a view to increasing actions To combat racism and discrimination, together with the political pedagogical project, as established by law 10.639 / 03. In order to reach this goal, it is proposed to study current newspapers in comparison with the newspapers of what was known as the "Black Press", which consist of newspapers published in São Paulo in the post-abolitionist period in the late nineteenth century, among them *The Freedom* (1919-1920), *Clarim d’Donvora* (1929-1940), *Chibata* (1932), *Dawn* (1948). Thus, the use of the newspaper in school can contribute to transforming the reading experience into an experience of (re) historical-identity recognition and (re) signification of Brazilian social representations.

<sup>1</sup> Licenciada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Faculdade Ipiranga. E-mail: andrealarisse.moura@gmail.com

<sup>2</sup> Orientadora; Mestre em estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. E-mail: sheilamaues@gmail.com



**Keywords:** Newspaper; Reading; Textual genres; Ethnic-racial relations; Education.

## INTRODUÇÃO

O uso de jornais e da mídia em geral na educação, embora pareça fato recente, já ocorre desde a década de 1930 com algumas iniciativas pedagógicas registradas em pesquisas sobre o tema. Segundo Pavani (2007), Em 1932, o jornal *New York Times*, nos EUA criou um programa pioneiro para uso de jornais na escola. No Brasil na mesma época pode-se citar o educador Anísio Teixeira, dentro do movimento, Escola Nova, acreditava que usar a mídia impressa na sala de aula podia trazer diversos benefícios aos alunos.

Hoje, a leitura do jornal muda a perspectiva de muitos alunos que usam o jornal para melhorar a capacidade de compreensão do conteúdo escrito, bem como a capacidade de desenvolver o espírito crítico e de descobrir outras visões de mundo, na construção de significados e de identidades sociais.

Nas formulações de Wilma Baía, em *Educação, História e Problemas* (2012), a imprensa (jornal) possui dimensões outras, que não a do significado aparente, pois se trata de algo mais complexo “uma instituição polifônica, a qual reúne um conjunto de vozes, manifestas nos diversos articulistas e agentes retratados nas reportagens e artigos publicados”, sendo ainda uma “instância política” que possui agenda e “posicionamento sobre a sociedade e os eventos que aborda”, e, por fim, constituindo-se como uma agenciadora de visões específicas de mundo, expressas nos diversos gêneros textuais, inclusive naqueles que se pretendem neutros.

Desse modo, chegamos à discussão das representações e, como sustentação teórico-conceitual desse debate, evocamos o conceito de representação do francês Roger Chartier, que percebe as representações como construções que os grupos fazem sobre suas práticas. Trata-se de deliberações e formulações de determinados grupos sociais que, no entanto não são percebidas em sua integridade, mas apenas como representações em si. Portanto, desmorona-se a noção de história como tradução da realidade, pois seria impossível de apreender a realidade em sua totalidade, já que há apenas representações distintas dos fatos.

Com base nessa discussão poderíamos conceber o trabalho com o jornal, em âmbito escolar, como uma oportunidade de estabelecer um fazer pedagógico multidisciplinar que pudesse proporcionar uma experiência de leitura das muitas representações étnico-raciais da sociedade brasileira. O trabalho de conhecimento da linguagem do jornalístico e de seus diversos gêneros textuais, de sua estrutura e de suas representações discursivas, poder-se-ia



constituir instrumento valioso e eficaz no fomento à leitura e à transformação da visão de mundo dos alunos envolvidos no processo.

Quanto a isso, reforça-nos ainda Pierre Boudieux, com a noção de poder simbólico, poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o desempenham. Assim sendo, o trabalho com o jornal, portanto o trabalho com a língua, um do modo *operandi* do poder simbólico, pode oferecer ferramentas para desativar os dispositivos do racismo e da discriminação incentivando os alunos a uma visão de mundo mais positiva e multicultural.

Por tais razões, tratar o jornal como um mero sistema de signos linguísticos, para desenvolver atividades descontextualizadas de recorte e colagem de palavras, reduz e limita o seu uso como proposta pedagógica. Sendo a cidadania o oposto da proposta acrítica, uma das formas de estimular a formação do cidadão crítico é justamente propor que o aluno participe ativamente na história. Pontual (1999) acredita que ler uma notícia ou matéria de jornal é também poder olhar um pouco para si mesmo e, por conseguinte, torna-se mais consciente do seu papel no mundo.

Do ponto de vista histórico, Conforme registra Adair (1995), “ainda nos EUA, já em 1932, surge no *New York Times* um programa de jornal para a educação: O *News Paper in Educacion Program*, reconhecido como marco na história dessas iniciativas, através da distribuição sistemática de suas edições nas escolas”.

Ainda no que respeita às pesquisas de Adair (1995) em 1896, na França o jornal escolar foi iniciado pelo Educador Celestin Freinet que desenvolveu um método interessante baseado ou na experiência de vida e que concentrava a vivência da aprendizagem por parte das crianças. Em 1924, Freinet agregou a técnica da impressão (tipografia) na sua prática docente, com seus alunos produzindo e imprimindo seus próprios textos. O intuito desse jornal era mostrar que o aluno pensa e articula em seu mundo, adquirindo uma consciência crítica e autônoma, estimulando não só as crianças, mas os jovens e os adultos que também participaram ao longo dessa jornada, a decodificar na prática o funcionamento da comunicação.

Segundo Pavani (1995), no Brasil, o Correio Popular, na cidade de Campinas (SP) foi o pioneiro neste caminho que hoje é povoado por um numero cada vez maior de contribuições. Era um projeto de incentivo ao uso do jornal na escola, em que disponibilizavam jornais para docentes com a finalidade de que utilizassem em sala de aula, todos os custos eram mantidos por uma empresa jornalística de São Paulo.



O presente artigo pretende discutir a utilização do jornal em ambiente escolar, como atividade permanente, sobretudo no nível fundamental de ensino, como ferramenta pedagógica para a formação de leitores e para a educação das relações étnico-raciais, com vistas a adensar as ações de combate ao racismo e à discriminação, em conjunto com o projeto político pedagógico, como estabelecem as leis 10.639/03 e 11.645/08. Para alcançar tal objetivo, propõe-se o estudo de jornais atuais em comparação aos jornais daquela que ficou conhecida como “Imprensa Negra”, que consistem em jornais publicados em São Paulo, no período pós-abolicionista, no final do século XIX, dentre eles A Liberdade (1919-1920), O Clarim d’Alvorada (1929-1940), Chibata (1932), Alvorada (1948). Destarte, a utilização do jornal na escola poderá contribuir para transformar a experiência de leitura em uma experiência de (re) conhecimento histórico-identitário e de (re) significação das representações sociais brasileiras.

## **OBJETIVOS**

O presente artigo objetiva propor atividade pedagógica de fomento à leitura e de análise crítica de textos jornalísticos tendo em vista as questões étnico-raciais, a ser desenvolvida de forma multidisciplinar, no segundo ciclo do ensino fundamental. Tal objetivo consubstancia-se nos seguintes objetivos específicos: Discutir por meio da leitura de jornais contemporâneos e antigos, as noções de racismo e preconceito; apresentar representações positivas do negro; identificar e reconhecer a importância das fortes contribuições intelectuais do negro para a formação da cultura brasileira.

## **METODOLOGIA**

Para que essa pesquisa fosse desenvolvida, foi realizada uma pesquisa do Tipo Bibliográfica baseando-se em um estudo sobre o suporte jornal e sua criação com a finalidade de ampliar o conhecimento histórico e político do negro dentro da sociedade, já que segundo Minayo (1982) o jornal é capaz de fazer essa incorporação da questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, as relações e as estruturas sociais. Uma vez que este trabalho é de suma importância para entender as concepções que o autor define acerca de estimular o incentivo à capacidade argumentativa e crítica do aluno perante as notícias.

Esta metodologia serve para propor uma reflexão e discussão de assuntos de interesse de um público jovem que se estimulado, evoluirá altamente seu pensamento crítico. Dinamizar o conteúdo fará com que os alunos se mostrem mais interessados na busca pelo



saber, tendo a finalidade de promover a interdisciplinaridade de modo que alunos e professores possam envolver-se com o mesmo objetivo.

### **GÊNEROS TEXTUAIS ENVOLVIDOS NO JORNAL**

Para começar a falar do jornal escolar é necessário primeiramente conceituar de forma geral o que é um gênero. Segundo Marcuschi (2006, p. 25):

“Os gêneros devem ser vistos na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas e no interior da cultura. Eles mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”.

Em que considera os gêneros textuais presentes em textos materializados, que circulam dentro dos discursos, uma espécie de sequência implícita aos textos postos em circulação nas práticas sociais com referência a Bakhtin (1997).

Embora esses PCNs de Língua Portuguesa (1997) coloquem os gêneros da imprensa como um dos principais conteúdos dos currículos escolares sabe-se muito pouco sobre quais são e como são esses gêneros. Para exemplificar o conceito de gêneros textuais citam-se: telefonema, carta comercial, reportagem jornalística, aula expositiva, notícias, horóscopo, piada, conversa espontânea, e-mail, bate-papo por computador e assim por diante. Entretanto na hora de utilizar esses gêneros na prática, dentro da escola, quase sempre são apenas praticados na aula de redação, como simples produção textual, como afirma Bagno (2002, p. 56) em sua publicação:

No tocante à produção textual escrita, as escolas brasileiras, em sua maioria, até hoje se restringem à prática da “redação”, gênero textual que só existe na escola, não tendo, portanto nenhuma função sociocomunicativa relevante para a vida presente e futura do aprendiz.

Com base na teoria de Bakhtin, a escola deve trabalhar mais efetivamente com os gêneros do discurso, ora de forma explícita, ora não, fazendo a educação ser uma transmissora de conhecimento e consciência das verdadeiras necessidades de mudança na sociedade, de forma mais ou menos descontraída, mais ou menos burocratizada ou estereotipada como é refletido na posição Bakhtiniana (1997): Para entender um gênero específico em relação ao jornal (como suporte) é necessário se ter uma noção de quais são os demais gêneros possíveis a serem tomados como base das atividades de ensino-aprendizagem.

Bakhtin (1997) cita dentro de seus conceitos que a linguagem permeia toda a vida social, exercendo um papel central na formação sociopolítica e nos sistemas ideológicos.



Dentro dessa linguagem temos o gênero que é uma extensão da descendência de tipos de textos para a criação de pesquisas contendo certas características em comum, servindo de classificação para a reunião de textos. Para o autor, os gêneros do discurso, são uma espécie de flexibilidade ou instabilidade equivalente àquela prevista em documentos oficiais anteriores para o próprio funcionamento da linguagem. Essa denominação ‘**gêneros textuais**’ não é consensual e poderia ser também ‘**gêneros discursivos**’ ou ‘**gêneros do discurso**’, como prefere chamar.

Espera-se com este trabalho, desenvolver entre os alunos a noção de *texto* como gênero textual, com o propósito de valorizar a reflexão e o senso crítico, focalizando o sentido e não apenas estruturas linguísticas. Para Marcuschi (2002), os gêneros se configuram em formas (escritas ou orais) que são historicamente situadas. Desse modo, o trabalho com esses textos em sala de aula parece mais significativo, visto que não são simplesmente tipificações textuais sem nenhum valor.

Ainda dentro do pensamento de Marcuschi (2002), os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam algumas propriedades funcionais e organizacionais, características realizadas. Ou seja, o reconhecimento da função e do processo de organização de tais estruturas é essencial para uma efetiva produção textual por parte do aluno. Em aulas tradicionais, o foco das produções parece ser justamente a avaliação de aspectos pontuais da gramática, enquanto que o estudo do gênero textual é ignorado.

O Kleiman & Cavalcanti (2007, p 16) definem o uso dos gêneros textuais em sala de aula como:

“[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos com o professor, cada um segundo sua capacidade [...]”.

Isso significa que, seja qual for o objetivo do projeto, ele necessariamente será analisado e avaliado pelo professor conforme o seu potencial para mobilizar conhecimentos e recursos de uso da língua escrita.

Kleiman & Cavalcanti (2007) ainda defendem que a escola e os educadores devem trabalhar esse tipo de discurso midiático, para que os alunos tenham acesso a diversos tipos de leitura e assim consigam compreender o discurso de forma sintetizada. Para isso o caminho mais direto é o engajamento na atividade de linguagens significativas de natureza midiática (por exemplo, a produção de gêneros) para refletir e entender a construção desse discurso a partir de seus bastidores até a produção efetiva de uma notícia do jornal.



O trabalho com este suporte chamado jornal, permite o contato com a língua de forma viva e atual. O texto jornalístico é uma fonte que evidencia aspectos da realidade e recria o mundo conforme seu ponto de vista. Podemos perceber que em sua estrutura composicional, destaca-se: **Quem?, Quê?, Onde?, Como, Quando? e Por quê.** A escola deve usufruir dessas características para promover debates, pesquisas e, conseqüentemente, aprendizados, proporcionando uma nova compreensão da realidade.

### **O USO DO JORNAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO INTENSIFICANDO O SENSO CRÍTICO**

De acordo com os autores pesquisados, percebemos que o trabalho com o jornal pode trazer subsídios para enriquecer o aprendizado em sala de aula, o seu uso de maneira planejada pelo docente pode reconstruir uma concepção de mundo e aguçar o senso crítico no público envolvido, frente às informações recebidas. Lopes (1989, p. 12), sob o ponto de vista pedagógico, diz que: “O jornal-laboratório deve ultrapassar a noção de ensaio experimental para se tornar uma iniciativa factível de serviço comunitário, prestando informação ou veiculando opiniões úteis para o comportamento do público leitor”. Podemos compreender, de acordo com as ideias acima mencionadas, que através deste recurso pedagógico, é possível estimular a leitura e a escrita e, desta forma, trabalhar a criatividade, para que o educando construa novas concepções em sala de aula. Conseqüentemente, isso fará com que ele se sinta responsável por este meio de comunicação dentro da escola.

Ao considerarmos a sala de aula como um local de comunicação, entendemos que tanto a leitura quanto a produção de textos são atividades indispensáveis em sua rotina. Segundo Herr (2001), **ler** é a possibilidade de estabelecer relações, seja com modos de pensar, personagens ou informações, de tal forma que seja possível compreendê-las. Então, **produzir** é a transmissão de informações para repartir com um público vasto ou restrito, impressões e ideias. Ou seja, **Ler e Produzir** são atos de comunicação, mas nem todos os alunos terão o desejo espontâneo de estabelecer essas relações.

Segundo Tajra (2001, p. 131): “A produção de textos é um dos componentes mais importantes para a consolidação de nossos conhecimentos. Quem se expressa, se expressa em função de alguma situação e finalidade; quem conclui desenvolve uma visão crítica sobre algo”. Assim, o uso do jornal como recurso didático, possibilita o trabalho com diversos textos, além de despertar nos alunos habilidades como: pesquisar, criticar, corrigir, etc.

O jornal na escola possibilita a realização de atos comunicativos, viabilizando esse aluno, o contato direto com os diversos gêneros textuais, e ao mesmo tempo, incorporando a



relação produtor – leitor de textos, além de proporcionar um trabalho interdisciplinar, já que na elaboração do roteiro poderá ser distribuídas editoriais de outras áreas, além da Língua Portuguesa, usa-se um caderno sobre educação e preservação do meio ambiente mesclando conhecimentos de Biologia e Geografia, a Contação de histórias sobre as criações das cidades brasileiras, é um interessante tema para aulas de História e assim por diante.

Reforçando essa ideia, entre os benefícios de sua utilização na escola, o jornal se revela benéfico por possibilitar o contato com informações contextualizadas, deixando as aulas mais dinâmicas e relevantes para a formação crítica dos alunos. Nesse pensamento, Faria (2003, p.11) aponta que “(...) levar jornais/revistas para a sala de aula é trazer o mundo para dentro da escola. (...) Jornais e revistas são, portanto, mediadores entre a escola e o mundo”. Dessa forma, os jornais se tornam boas alternativas para a ligação entre a escola e o dia a dia de alunos.

Faria (2003), centra sua preocupação principalmente na afirmação de que levar o jornal para a sala de aula é “Trazer o mundo para dentro da escola”. Mas é preciso examinar com cuidado essa questão, uma vez que ao usar o jornal, o professor trabalha com a linguagem e, portanto, como um recorte da realidade ou mundo. Os maiores objetivos da produção do jornal em sala de aula, segundo a própria autora são: Educativo (contribuir para aperfeiçoar a educação) e Social (permitir o acesso do aluno ao projeto Jornal desde sua base teórica a construção propriamente dita).

Celestín Freinet (1977), afirma em suas pesquisas que existem vantagens de se trabalhar o jornal impresso como primeiramente a aprendizagem natural, sem esforço, da leitura e da escrita das palavras, dando um sentido permanente da construção de frases corretas e ensinando o sentido de responsabilidade pessoal e coletiva.

Erbolato (1991) assinala que o jornal impresso veio contribuir com a sociedade à medida que pode fornecer educação, cultura e informação durante anos, pela permanência e sobrevivências das páginas impressas de jornais e revistas. Explorar este universo implica desvendar e compreender a **Arquitetura informal** do jornal, ou seja, é identificar o papel de cada recurso que pode ser usado para a comunicação: Fotos, legendas, tabelas, manchetes etc., como elementos complementares e facilitadores além do processo de escrita e leitura, a formação de novos pensamentos e valores, como exemplo a conscientização de leis que asseguram os direitos iguais a todos os cidadãos independentes de cor, raça ou religião.

O jornal é um meio de comunicação de grande prestígio social que dissemina ideias e constrói significados. Pela diversidade dos seus textos, apresenta uma ampla variedade de



gêneros discursivos que podem ser estudados na escola como forma de contribuir para a formação leitora do aluno, proporcionar a leitura de seu conteúdo é uma maneira de colocar os alunos em um debate mais amplo sobre ética, cidadania e valores. Conforme, Freire (1987) comenta sobre a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Ainda dentro deste pensamento, Paulo Freire nos adverte para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Para tal, o **saber-fazer** da autorreflexão crítica o **saber-ser** da sabedoria exercitada, permanentemente, podem nos ajudar a fazer necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização.

Esse processo educativo iniciado na escola pode estender-se para outras esferas da vida do aluno, pois no entendimento de Ferrés (1996): A reflexão crítica surgirá espontaneamente quando assistirem a imagens semelhantes fora da sala de aula, o que determina por estabelecer uma ponte entre a escola e os jornais, contribuindo a primeira para essa reflexão crítica e a segunda para um ensino mais significativo, já que o aprendizado quando se prolonga para fora da escola, transforma emoções em reflexões e o prazer em uma oportunidade a mais para uma análise crítica. Sobre este assunto Pavani (2002, p. 32) ressalta:

“O objetivo geral da proposta não era outro senão o de levar os jovens não apenas a ler e a escrever, mas a buscar no jornal soluções e estímulos para a construção de apenas a ler um pensamento crítico, capacitando-os a encontrar soluções para os problemas que enfrentam”.

Tendo a preocupação da formação do leitor para compreender a estrutura social mostrada diariamente nas páginas dos periódicos. Ferrés (1996) complementa o discurso de Pavani quando cita ainda: Espera-se que esses estudantes sejam capazes de manter uma relação mais aprofundada com os meios de comunicação, deixando de lado um perfil passivo e conformado e exercendo uma postura questionadora, crítica e criteriosa.

## O USO DO JORNAL E O ENFRENTAMENTO DAS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS

Rogério Christofolletti, em seu artigo O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais, aponta os resultados da pesquisa desenvolvida por Golzio *et all* (2006), que investigou 58 reportagens de capa da revista Veja no período de 1968 a 2003:

A imagem que se projeta a partir desta constância é a de que os afrodescendentes tenham mais pendor ou aptidão para estas duas áreas de atuação profissional. Outro



aspecto que comprova tal fato advém do pós-escravismo, visto que, depois da Abolição, os negros foram entregues à condição de mão-de-obra assalariada degradante, sistema não muito diferente da sociedade colonial. Nesse novo processo, o modelo escravista continuou de maneira implícita, estereotipada e discriminatória. (Golzio *et all* apud Christofoletti, 2007).

Os dados levantados apontam para o reforço da ideia estereotipada de que o negro só se destaca como esportista ou músico.

De um modo geral, essas e outras pesquisas revelam que o espaço do jornal pouco tem contribuído para a uma democracia midiática entendida aqui como ambiente constituído na esfera da opinião pública, “que contemple a diversidade étnica, religiosa, ideológica e cultural; um ambiente que favoreça o contraditório, que estimule a pluralidade e que não fabrique o consenso a todo custo.” (Christofoletti, 2007). A ausência do negro ou as representações estereotipadas reforçam o apagamento de negros e mestiços das páginas do jornal. Isso precisa ser questionado pelos educadores, no trabalho pedagógico com os jornais, afinal, o jornal é uma grande vitrine onde figuram as personagens sociais.

Desta forma, ao estampar em suas fotos uma quantidade menor do que à proporção que os negros ocupam na população catarinense e ao relegar a esses contingentes certos guetos jornalísticos, a imprensa contribui para intensificar a discriminação e o racismo, na medida em que estreita o espaço de participação desses contingentes. (Christofoletti, 2007).

## A IMPRENSA NEGRA: HISTÓRIA E IMPORTÂNCIA PEDAGÓGICA

Surgida no final do século XIX, a *Imprensa Negra*, como ficou conhecida, foi uma iniciativa da comunidade negra paulista, do período pós-abolicionista. Trata-se de um conjunto de periódicos produzido por intelectuais negros que intencionavam mudar sua representação, por meio de uma produção jornalística própria:

A iniciativa de homens e mulheres de ampliarem sua voz, a partir de imprensa própria, sinaliza para o desejo dessas lideranças negras de organizarem sua comunidade e divulgarem para a sociedade mais ampla as suas perspectivas e projetos em prol do grupo. Para isso, definiram datas, fatos e personagens de renome, a exemplo de Zumbi, José do Patrocínio, Luiz Gama, cuja importância e trajetórias seriam capazes de funcionar como parâmetros e modelos a serem seguidos, no difícil caminho de sua inserção na sociedade brasileira. (SILVA, 2008).

Tais documentos constituíram publicações relativamente simples, mas que tiveram importância na luta contra o racismo, pois ajudavam a construir uma positividade em relação ao lugar do negro na sociedade paulista e brasileira da época:



Esses periódicos eram publicações simples, de poucas páginas, embora estruturados no formato de seções. Muitos deles utilizaram fotografias, ilustrações e anúncios. Estes últimos visavam à continuidade do jornal. Sua principal característica era divulgar acontecimentos da vida social e política da comunidade negra, nas suas diversas formas de expressão, manifestas no lazer, nas artes, nos esportes, nas festas, nas comemorações cívicas atinentes ao grupo, no dia-a-dia (aniversários, casamentos e mortes) e nos carnavais. (SILVA, 2008).

Desse modo, as publicações da Imprensa Negra foram fundamentais para criar um movimento de identidade negra e fugir do império da imprensa branca. Nos jornais havia grande espaço para as produções literárias, humoristas, críticas e denúncia de racismo. As demais efemérides da sociedade negra como aniversários, encontros, chistes, festas, comércio, dentre outras.

De acordo com a pesquisadora Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Zélia Lopes da Silva do Departamento de História UNESP, os jornais editados por negros paulistas sucedem-se até 1963, quando é fechado o Correio d'Ébano. Mesmo que de forma descontínua essas publicações sustentavam um espaço de informação e troca de ideias que diziam respeito à consciência étnica e aos problemas e realizações da comunidade negra de produtores e leitores dos jornais. Informamos ainda, a pesquisadora da Unesp o percurso de publicação dos periódicos:

O primeiro periódico, Baluarte (1903), surgiu no início da República. Somente em 1915 apareceu O Menelik. A partir da década de 20, tem-se notícia, com mais frequência, da emergência de outras publicações. Porém, a característica mais marcante desses jornais é a descontinuidade e a curtíssima duração. Alguns deles tiveram duração maior, como foi o caso de O Clarim d'Alvorada, que surgiu em 1924, sob o nome de O Clarim, e se manteve na ativa até 1932, seguido de Novo Horizonte (1946-1961), Progresso (1928-1931) e A Voz da Raça (1933-1937). O jornal O Clarim d'Alvorada congregava um grupo de jovens negros que se destacou por suas propostas voltadas para o campo político-cultural. Esse grupo, liderado por Correia Leite, organizou a primeira versão desse periódico, em 1924, sob o nome de O Clarim. (SILVA, 2008)

Os periódicos da “*Imprensa Negra*” revelaram grandes talentos intelectuais e políticos como Abdias do Nascimento, nascido em Fraca, São Paulo, fundador e diretor do jornal *Quilombo*, político, professor, artista plástico, escritor, poeta, dramaturgo e ativista do movimento negro:

Abdias lutou contra a opressão sofrida pela população afro-descendente. Participou da Frente Negra Brasileira (1931) e fundou, em 1944, o Teatro Experimental do Negro (TEN) - movimento cultural que permitiu o acesso dos negros à representação teatral - formando uma geração de atores e atrizes negros. Em 1948, em conjunto com outros colaboradores, fundou o jornal Quilombo. O periódico era utilizado para articular e divulgar a Convenção Nacional do Negro Brasileiro, além de ser apontado como o responsável pela formação de uma negritude brasileira e nacionalista.



Em 1968, devido ao endurecimento do governo militar e à inclusão do seu nome em vários inquéritos policiais militares, Abdias exilou-se nos Estados Unidos, onde atuou como professor universitário. Foi professor-conferencista da Universidade de Yale, professor emérito da Universidade de Nova Iorque e professor-visitante da Universidade de Ifé, na Nigéria, entre 1976 e 1977.

Após a volta do exílio, inseriu-se na vida política, tendo sido eleito deputado federal em 1983. Assumiu a cadeira no Senado como suplente do senador Darcy Ribeiro, em dois períodos: 1991-1992 e 1997-99. Como deputado federal apresentou projeto de lei que previa a criação de uma cota de 20% para negros na seleção de candidatos ao serviço público, além de propor o estabelecimento do dia 20 de Novembro (aniversário de morte de Zumbi) como o Dia Nacional da Consciência Negra. (MAZIERO, 2008)

Diante da escassez de publicações produzida por e para a comunidade negra brasileira, os impressos da “Imprensa Negra” tornaram-se fundamentais para a construção de um processo de autoafirmação da negritude de seus leitores, influenciando inclusive a criação da Frente Negra Brasileira (16 de setembro de 1931), órgão atuante e marco da consciência negra brasileira e, após, a Frente Negra Brasileira Socialista.

Por essas razões, considera-se que o material jornalístico da chamada “Imprensa Negra”, disponível no site do *Arquivo Público do Estado de São Paulo*, na sessão *repositório digital*, possa configurar-se como instrumento pedagógico valioso e eficaz no trabalho escolar com o suporte jornal e seus respectivos gêneros, sobretudo nos últimos anos do ensino fundamental, com a finalidade de promover uma mudança nas formulações sociais sobre o negro que se produzem no espaço escolar. Evidentemente a presente proposta não deve ser tomada como atividade pontual, isolada do projeto pedagógico, mas integrar-se a ele como uma das ações que o compõe.

## PROPOSTA PEDAGÓGICA

A atividade proposta deve ser considerada como atividade permanente, portanto deve ser recorrente e organizada por bimestre e dividida em quatro momentos.

### *1º Momento*

Por meio de aula expositiva sugere-se que sejam apresentadas noções gerais sobre a linguagem jornalísticas e seus respectivos gêneros textuais mais recorrentes com base nos estudos linguísticos dialógicos (BAKHTIN, 1997). Em seguida, distribui-se e solicita-se a leitura de jornais da atualidade, explorando o suporte junto com os alunos, investigando elementos como o experiente do jornal, colunistas, a formação de cadernos, formatação, imagens, linguagem verbal e visual, intenções comunicativas, identificação de alguns gêneros textuais, dentre outros.



## 2º Momento

Por meio de aula expositiva dialógica recomenda-se que sejam apresentadas algumas noções conceituais de discriminação racial e preconceito tendo como aportes teóricos centrais Guimarães (2004; 2008), Bourdieu (1992; 1997), Chartier (2002) e Gomes (2005). Após a apresentação de tais noções partir-se-á para a análise das representações sociais do negro nos jornais da atualidade e explicação de como tais práticas discursivas são acionadas.

## 3º Momento

Distribuir-se-á material fotocopiado com os gêneros textuais jornalísticos dos jornais que compõem a chamada “Imprensa Negra”, informando do que se trata, apresentando personagens, explicando a história e a importância de tal produção jornalística para a sociedade brasileira. Ainda nesta etapa de trabalho, deve ser promovida leitura atenta e analítica com as finalidades de se perceber ao mesmo tempo as questões que dizem respeito à linguagem e aos discursos, construídos por autores negros para a comunidade negra e para os leitores em geral. É importante neste momento conduzir os alunos à reflexão sobre outras representações e colaborações culturais de negros e mestiços presentes nos gêneros textuais desses periódicos, percebendo como trabalhavam a positividade da imagem do negro, diferentemente dos jornais analisados anteriormente.

O Nosso Artigo Sem Fundo

Homem NEGRO

Ha alguns milenios quando se abriu o primeiro bottequim, na era em que despotava os primeiros clarões das mentalidades civilisadoras: leve um cachaça a feliz ideia de colocar na porta desse tolerante bottequim - Homem conhece-te a ti mesmo...

Essa legenda ficou através dos seculos servindo de lição para todos os individuos fracos de ideia.

Assim, caros leitores, lembrando a frase vernal de um famoso local...

# O Perdão da Santa

Sem numero São Paulo, Fevereiro de 1932 Sem anno

# CHIBATA

Nós somos Judas da raça, quem serão os Christos?

Editor | Quando este jornal circula; | Gerente  
Homem negro | sente-se cheio de difunto... | F. Xicocosta

## Judas da Raça!...

Ha homens que se aniquilam e perdem o controle do bom senso, quando alguém lhes atira uma pedra com intuito de diminuí-los.

Na luta em que nos empenhamos, temos recebido dessa mimosidades deslegantes e que sempre trazem consigo, a...

No recesso d'uma victoria humilhante em que ficou a personalidade nulla do secretario geral da Frente Negra Brasileira, fulgura a imagem d'uma Santa que suffocando a vergonha soffrida, no seio da familia negra de S. Sebastião do Paraíso, preferiu mesmo no desengano, deixar impune o ladrão de sua tranquillidade.

Mais uma vez podemos exaltar a qualidade particular da Mulher Negra, e lia que no turbilhão de todas injustiças praticadas no Brasil, se salvou pelo perdão dentro da historia americana e brasileira.

Della, sabemos avaliar o stoicismo e considerarmos cada uma que não bem symboliza a Mulher padrão das virtudes em todas as idades.

E o grande conselho composto em sua maioria de ho-

O jornal Chibata (1932). Catálogo da Imprensa Negra (1903-1963). Repositório Digital do Arquivo Público de São Paulo. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/jornais\\_revistas](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas)



O jornal *O Clarim* (1924). Catálogo da Imprensa Negra (1903-1963). Repositório Digital do Arquivo Público de São Paulo. Disponível em: [http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio\\_digital/jornais\\_revistas](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas)

#### 4º Momento

O momento final da atividade deve constar de proposição de pesquisa e produção de gêneros textuais jornalísticos, sobre personalidades negras contemporâneas, nas diversas áreas sociais, com a finalidade de compor um jornal mural para ocupar espaço de grande circulação da escola, intitulado *Jornal Brasil*, com novas representações positivas sobre o negro.

### RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para realização deste artigo foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre quais são os principais mecanismos utilizados dentro dos gêneros textuais capacitados para o ensino das questões étnico-raciais em sala de aula, trazendo a importância do suporte jornal como interação. Formando alunos capazes de reconhecer e escrever textos voltados para a sua sociedade com pensamentos mais críticos, corroborando com as afirmações sobre o uso dos jornais segundo Herr (2001) que aponta a formação de leitores capazes de dialogar com diferentes textos e a respectivos suportes textuais, produzido pelo aluno com o auxílio do professor, faz o aluno apropriar-se criticamente de diferentes modos de produção do discurso, contribuindo para que esses leitores se constituam também como autores.



Segundo a análise de textos estudados para esse projeto mostra que a construção da “Imprensa Negra” em sala de aula pode resultar o maior contato com a realidade cotidiana, diferente dos livros didáticos que registram os fatos históricos, mas de forma superficial ou até mesmo deturpadas, menosprezando os verdadeiros acontecimentos. É necessária a implantação de novos métodos de ensino capazes de envolver o aluno em sua verdade origem.

Herr (2001) considera que o uso do jornal paralelamente ao do livro didático em sala de aula é uma necessidade de se colocar para o aluno, já que os livros registram somente depois de um discurso de tempo.

Percebe-se que a publicação do jornal é uma ferramenta para a escola disseminar, no espaço da comunidade, os conhecimentos trabalhados em sala de aula. Assim, o uso do jornal impresso na prática, contribuirá de forma positiva para a formação do aluno com um novo olhar sobre sua própria história. Ensinando assim o mesmo, a entender a importância de seus conhecimentos dentro da sociedade. Assim confirmado através da concepção de Santos e Pinto (1992, p. 5):

O jornal estudantil não é um fim em si mesmo, mas um dos meios possíveis para o desenvolvimento de uma dinâmica geral na escola. Os jornais, por sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, sendo um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade.

As evidências neste trabalho indicam que o jornal preencherá essa lacuna de informações entre situação que o aluno vivencia (realidade factual) e o fato histórico que o livro relata.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização do recurso jornal em sala de aula como recurso pedagógico, poderá contribuir de forma concreta na melhoria da leitura e escrita, a interpretação de assuntos tratados sob uma visão reflexiva. Reitera-se ainda a confirmação de que a sua prática dentro da sala de aula consegue desempenhar um papel relevante, quanto a novos conhecimentos quanto a direitos e deveres, erradicação da discriminação e do preconceito, além do estímulo à leitura e melhor escrita.

A falta de hábito pela leitura e construção de textos sem objetivo, junto com a falta de um veículo de comunicação local para divulgar na escola, que envolvessem leituras



interessantes e textos diversos produzidos pelos discentes, surgiu à preocupação e a necessidade de valorizar as produções escolares totalmente estruturadas como um Jornal, trabalhando suas particularidades com o intuito de desenvolver novas consciências, novos valores e reflexões sobre as diversas colaborações culturais de negros e mestiços presentes em nossa sociedade, percebendo toda a positividade da imagem do negro transportada para as páginas desse meio de comunicação tanto em forma de mural quanto impresso.

Todo o conceito estudado durante a pesquisa detecta a necessidade de criação de meios que favoreçam o estímulo desses alunos à criatividade e toda sua positividade na produção artigos de opinião sobre problemas da comunidade escolar e assuntos relevantes quanto à família, a discriminação, ao racismo. O trabalho com o jornal dentro dessa temática representa de certa forma o momento histórico-social e por isso, deverá ser estimulado em projetos de sala de aula, não se devendo fechar em opiniões, mas com a possibilidade de levar o aluno a reflexão e o questionamento.

## REFERÊNCIAS

- ADAIR, Flavia. **O jornal como instrumento pedagógico. Programa Folha Educação: uma proposta de leitura de jornal em sala de aula.** In: Comunicação & Educação. SP: USP, jan/abr, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. **Estética da criação verbal** — 2'cd. — São Paulo. Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior)
- BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais: tipificações e interação.** São Paulo: Cortez Editora, 2005.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série.** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997.
- CALLADO, Ana Arruda; ESTRADA, Maria Ignez Duque. **Como se faz um jornal comunitário.** Petrópolis: Vozes, 1986.
- COSTA, Cristina. **Educação, Imagem e Mídias.** São Paulo. Cortez, 2005. (Coleção Ensinar e Aprender com textos, V.12).
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação. In: Estudos Avançados.** Campinas: Unicamp, 11(5), 1991. p.173-191.
- CHRISTOFOLETTI, Rogério & BASSO, Marjorie K. J. O preto no branco: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais. Estudos em Comunicação, no2, p. 111-125. Dezembro de 2007.



- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no Jornal Diário**. 5 ed. São Paulo: 1991.
- FARIA, Maria Alice de Oliveira. **Como usar o jornal em sala de aula**. 10 ed. São Paulo. Contexto, 2006.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo, 1921 **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire**. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1987.
- FREINET, Celéstín. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Estampa 1977.
- GERALDI, J.W. (org.) **Prática de leitura na escola**. In: Geraldi, J.W. O texto em sala de aula. São Paulo: Ática, 2001. (Coleção na sala de aula).
- GUIMARÃES, Antônio S. A. Racismo e anti-racismo no Brasil. Tese. Universidade de São Paulo, 1997.
- HERR, Nicole. **Aprendendo a ler com o jornal**. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.
- KLEIMAN & CAVALCANTI (org.). **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal Laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.
- LOPES-ROSSI, MAG (org.) **Gêneros discursivos no ensino da leitura e produção de textos**. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2002.
- MARCONDES, Beatriz. MENEZES, Gilda. TOSHIMITSU, Thaís. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. Rio de Janeiro: Editora Ensino Contexto, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade**. In: DIONISIO, Ângela et al. Gêneros Textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MINAYO, M. C. S., 1982. **O Desafio do Conhecimento**. São Paulo: Hucitec.
- PAVANI, Cecília. JUNQUER, Ângela. CORTEZ, Elizena. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas, SP. Papyrus, 2007.
- PONTUAL, Joana Cavalcante. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 1999.
- RABACA, Carlos A.; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- ROJO, R.H.; CAVALCANTE, J.C.; PIO D.A. **Práticas de linguagens no ensino fundamental: circulação e apropriação de gêneros do discurso e a construção do conhecimento**. Intercambio São Paulo, v.10, p.125-136, 2001.



---

SANTOS, Antônio & PINTO, Manuel. **O jornal escolar, porque e como fazê-lo.** Porto Edições Asa, 1992.

SANTOS, José Antônio dos. **Imprensa negra: a voz e a vez da raça na história dos trabalhadores brasileiros.** Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/tex/josesantos.pdf>. Acesso em: 08 out. 2008  
Site [www.abdias.com.br](http://www.abdias.com.br). Acesso em: 21 out. 2008.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é um privilégio.** 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. 250p.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis: Vozes, 1995.